

IV Encontro Nacional da Anppas
4,5 e 6 de junho de 2008
Brasília - DF – Brasil

Vivências e Transformações Sócio-ambientais: o caso de duas comunidades amazônicas.

Maria Cristina R. de Oliveira – Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
Ciências Sociais, Mestranda em Ciências do Ambiente no Centro de Ciências do Ambiente, UFAM e
Pesquisadora do Núcleo de Socioeconomia – NUSEC.
cris_riolive@hotmail.com.br

Priscilla Oliveira de Souza, Ciências Sociais – Universidade Federal do Amazonas.
Graduação – Ciências Sociais/Universidade Federal do Amazonas
pricilasouza@gmail.com.br

Prof^a. Dr^a Therezinha de J.P. Fraxe, coordenadora do Núcleo de Socioeconomia -
NUSEC/Universidade Federal do Amazonas.
tecafraxe@uol.com.br

Resumo

O presente artigo busca investigar as transformações sócio-ambientais ocorridas no contexto histórico amazônico, através de uma análise comparativa de duas comunidades localizadas no rio Solimões – Estado Amazonas: Povoado de Badajós, localizado no lago Badajós, região do médio rio Solimões e Comunidade Santa Luzia do Baixo, localizada na Ilha do Baixo, região do baixo rio Solimões. Trata-se de um estudo realizado com intuito de compreender o contexto histórico relacionando às transformações sociais nas referidas localidades baseado em análises das formas de uso e práticas sócio-ambientais de seus habitantes. Confrontando os dados e informações obtidos visualizou-se a possibilidade de compreendermos aproximações e distanciamentos no que se referem aos processos sociais e históricos que delinearão as configurações sócio-ambientais de ambas as localidades. A pesquisa foi realizada segundo o aporte metodológico que articulou a realização de estudo de caso Fachin (2003), ao olhar, ouvir e escrever do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1998), norteando a realização de trabalho de campo a partir do registro etnográfico. O processo singular de formação social das referidas área de estudo, conformadas em ambientes ecológicos específicos: Ilha do Baixo (Comunidade Santa Luzia Luzia do Baixo) e lago Badajós (Povoado de Badajós) foi resultante das interações entre os contingentes migratórios vindos da região do nordeste brasileiro e a população local. A presença do sistema social de seringais aparece como o cerne de ordenação das relações locais, esse sistema específico representou a base

IV Encontro Nacional da Anppas

4,5 e 6 de junho de 2008

Brasília - DF – Brasil

de ocupação das áreas territoriais concernentes à realização de atividades extrativistas e práticas agrícolas atualmente desenvolvidas pelos habitantes.

Apresentação

Este artigo é o resultado do intercâmbio entre duas pesquisas de iniciação científica¹, as quais, em um segundo momento está subsidiando uma pesquisa de mestrado em andamento². As referidas pesquisas buscavam, em linhas gerais, analisar as práticas sociais dos habitantes de ambas as localidades, relacionadas tanto a acordos de pesca (Povoado de Badajós) quanto à organização social/associativismo (Comunidade de Santa Luzia do Baixio). Destacando-se, as duas comunidades, pelo potencial usufruído de apropriação e transformação dos recursos naturais, tais como os recursos pesqueiros e a agricultura.

Nesse caminho investigativo, entender as interações sociais entre diferentes agentes e suas práticas relacionadas às construções de acordos concernentes às práticas pesqueiras e a organização das atividades de horticultura, sob o prisma do associativismo e cooperativismo, nortearam a comparação dos processos históricos de duas comunidades geograficamente distantes, localizadas nos municípios de Iranduba e Codajás, Estado do Amazonas, bacia do rio Solimões. Apesar da distância, entretanto, de alguma forma, assinalam os mecanismos e as formas de uso e apropriação dos recursos naturais, forjados em um cotidiano de vivências e transformações sócio-ambientais.

Assim, o presente artigo está organizado em três partes: na primeira parte são feitas considerações teórico-metodológicas que viabilizaram a pesquisa. Em seguida pretende-se explicitar, com base nos registros etnográficos os resultados relevantes ao enfoque proposto, qual seja, as transformações sócio-ambientais vivenciadas nas referidas localidades. Por fim, um panorama comparativo é traçado convergindo às considerações finais do presente artigo como via a proporcionar uma reflexão acerca das singularidades da relação sociedade e meio ambiente no contexto de ocupação e uso dos recursos naturais das respectivas localidades.

¹ OLIVEIRA, M. C. R. Associativismo , cooperativismo e desenvolvimento local: um desafio para a comunidade de Santa Luzia do Baixio, no Município de Iranduba/Am e SOUZA, P. O. As formas de uso e práticas sociais relacionadas á pesca no Povoado de Badajós, Lago Badajós, Codajás/Am – Projetos de Pesquisa inseridos no Programa de Iniciação Científica –PIBIC/2007-2008- da Universidade Federal do Amazonas.

² OLIVEIRA, M. C. R. Diversidade sócio-ambiental e a lógica as organização social: estratégias de sustentabilidade e desenvolvimento local em três comunidades. Proposta de dissertação de Mestrado no Centro de Ciências do Ambiente - UFAM .

IV Encontro Nacional da Anppas

4,5 e 6 de junho de 2008

Brasília - DF – Brasil

1. Considerações teórico-metodológicas

Este artigo se fundamenta na metodologia do estudo de caso, segundo Fachin (2003), método caracterizado por ser um estudo intensivo, que considera, principalmente, a compreensão, como um todo, do assunto investigado. No âmbito dessa metodologia consideramos o fator significativo do “encontro etnográfico”, no qual o observador interage com os observados e assim compõe também o contexto de sua observação, aplicando as técnicas de pesquisa – observação participante, entrevistas e história de vida; estas realizadas a partir de um conjunto de práticas articuladas entre o olhar e ouvir aguçados do pesquisador, norteadores de um registro detido acerca das informações pertinentes ao seu objeto de estudo (Cardoso de Oliveira, 1998).

A escolha da comunidade Santa Luzia do Baixio, município de Iranduba/Am foi feita por ser uma comunidade próxima da cidade de Manaus, cerca de uma hora e meia em transporte fluvial e cerca de duas horas em transporte terrestre. O período de permanência em campo totalizou quatro visitas à comunidade, com duração de sete dias (uma semana) entre os meses de março a novembro de 2006. A comunidade se destaca por possuir um potencial na produção e comercialização da agricultura, fonte de maior recurso econômico dos moradores. Com o desenvolvimento do trabalho foram observados os processos de organização social, a presença de organizações como cooperativas e o processo de transformação pelo qual vem passando relativo à interação entre o rural e o urbano; visto que a comunidade é apreendida como um bairro distante do centro comercial de Manaus, às voltas na busca por uma estrutura mais organizada e ao mesmo tempo, partilhando conhecimentos tradicionais transmitido entre gerações.

O Povoado de Badajós, primeira e mais antiga povoação do lago Badajós, município de Codajás/Am, apresenta uma considerada distância em relação à cidade de Manaus, aproximadamente mais de um dia de viagem, vinte e nove horas, deslocando-se em transporte fluvial, única via de acesso para essa região. O período de permanência em campo totalizou quatro visitas à povoação, com duração de sete dias (uma semana) entre os meses de março/2007 a abril/2008. O lago Badajós é um entre os lagos situados no município de Codajás, Estado do Amazonas, região do Médio Rio Solimões. No período compreendido entre os meses de maio a setembro, ocorre uma grande abundância de pescado, tanto no rio Solimões como nos referidos lagos, comercializado nas localidades próximas e exportado. A localização geográfica do Povoado de Badajós, primeira e mais antiga povoação do lago Badajós, permite um panorama amplo das movimentações de entrada e saída de barcos no lago Badajós. A pesquisa teve por objetivo identificar os atores sociais (moradores e pescadores) envolvidos no delineamento das formas de utilização do Lago Badajós, assim como os mecanismos

IV Encontro Nacional da Anppas

4,5 e 6 de junho de 2008

Brasília - DF – Brasil

sociais e as variáveis presentes no processo de gestão do lago; visto que este é reconhecidamente considerado uma reserva de grande quantidade de recursos pesqueiros, ao passo que também se configura como *lócus*, a despeito da distância, de intensas negociações entre agentes sociais interessados na apropriação do seu alto potencial pesqueiro.

Assim, distantes em linha reta, aproximadamente 286,77 quilômetros, a comunidade de Santa Luzia do Baixo e o Povoado de Badajós, tomados como locais privilegiados para observação das convergências entre distintas dinâmicas sócio-ambientais da região amazônica, oferecem um amplo conjunto de aspectos relativos às formas de apropriação humana dos recursos naturais tais com atividades de pesca, agricultura e também atividades de extrativismo vegetal.

Segundo Barth (1995), o método comparativo antropológico superando uma descrição “representativa” da localidade, objetiva apreender a diversidade local e a construção de algumas possíveis variações entre dimensões de espaços próximos e distantes. Segundo o autor, trata-se de uma metodologia que faz uso de um campo de variação para uma investigação de caráter comparativo.

2. Santa Luzia do Baixo e Povoado de Badajós: História, vivências e transformações sócio-ambientais.

Santa Luzia do Baixo fica localizada a margem esquerda do Rio Solimões, a 15 Km da sede do município de Iranduba, Estado do Amazonas. Possui o total de 102 famílias habitando em área de várzea, com moradores que se destacam com o grande potencial na produção e comercialização das hortaliças. A comunidade está situada próximo à sede do município de Iranduba, o que facilita o acesso dos seus moradores aos centros urbanos próximos, como Manaus. No período da seca, o acesso fluvial à comunidade fica mais difícil, de forma que as pessoas costumam usar outros tipos de transporte, como por exemplo, condução de carro, ônibus, moto ou bicicleta, até a sede do município, percorrendo uma distância de quarenta e cinco minutos.

Ao adentrar a comunidade, percebemos que há um local onde há um maior número de concentração de pessoas, que é o centro da comunidade. Neste centro fica localizada a escola, o campo de futebol, a mercearia, a igreja a casa dos habitantes mais antigos. No entanto, está é uma visão curta do complexo e da metamorfose que a comunidade vive. Santa Luzia do Baixo tem passado por grandes mudanças culturais e econômicas desde sua fundação. Para isto, passou de uma comunidade simples, a mais destacada das comunidades próximas. Isto porque seus moradores decidiram se organizar, e observaram que juntos poderiam mudar a história de declínio e pouca educação de base

IV Encontro Nacional da Anppas 4,5 e 6 de junho de 2008 Brasília - DF – Brasil

que a comunidade possuía. Para isto a comunidade passou por um processo de organização sendo que, até o ano de 2007, a comunidade possuía cinco associações, duas legalizadas e três em processo de legalização. Outro fato a observar é a participação ativa da comunidade ou de seus dirigentes no processo político do município, observou-se a participação intensiva da autoridade máxima do município naquela comunidade.

Desta forma, para entendermos a trajetória e as mudanças ocorridas com frequência na comunidade, vamos no reportar ao período do *boom* da borracha na Amazônia e na comunidade Santa Luzia do Baixo.

Segundo Benchimol (1999); Rezende (2006), a história da colonização da Amazônia começa com a chegada dos europeus por volta do ano de 1540 a 1542, pelo navegador Francisco Orellana. Em seguida a exploração dos Portugueses sobre as “drogas do sertão”³ e sobre a escravidão indígena. Logo de início ficou claro que nem mesmo toda a tecnologia européia seria capaz de superar as dificuldades apresentadas pelo povoamento da Amazônia. As enormes distâncias, a selva impenetrável, perigos de diferentes naturezas perturbavam quem quer que tivesse coragem de ali entrar. As doenças palustres ganhavam fama, as condições climáticas se revelavam extremas para os europeus e o imenso esforço necessário para a extração das riquezas ocultas na floresta tornaram a Amazônia um lugar indomável, indecifrável, impiedosamente selvagem no imaginário do colonizador, um inferno verde. Com as controvérsias políticas, a cabanagem e a crise econômica em meados de 1800, houve o momento marcante do clico do “ouro negro”⁴, onde muitas famílias viam de todas as partes para habitar a Amazônia, dentre elas, os nordestinos do Brasil, em busca de melhores condições de vida.

No entanto, nas décadas de 1920 e 1930, milhares de seringueiros nordestinos abandonaram os seringais e voltaram derrotados para suas regiões de origem. Outros tiveram que participar da Segunda Guerra Mundial. A Amazônia brasileira se despovoou e entrou em um novo ciclo de decadência econômica. Na crise, a agricultura passou a ser utilizada e isso fez com que práticas e conhecimentos dos nordestinos se fundissem aos conhecimentos da agricultura indígena.

Muitos, imersos na solidão de suas colocações no interior da floresta, sequer foram avisados de que a guerra tinha terminado, só vindo a descobrir isso anos depois. Alguns voltaram para suas regiões de origem como haviam de lá partido, sem um tostão no bolso. Outros conseguiram criar raízes na floresta e ali construir suas vidas. Poucos conseguiram tirar algum proveito econômico

³ Castanha, cacau, tabaco, sal-saparrilha, frutos exóticos, peles de animais e outros produtos animais e vegetais coletados por índios e caboclos.

⁴ Neste período o látex extraído das seringueiras passou a ser conhecido com ouro negro, assim chamado pela cor escura das “pelas” (bolas) de borracha defumada.

IV Encontro Nacional da Anppas 4,5 e 6 de junho de 2008 Brasília - DF – Brasil

dessa batalha incompreensível, aparentemente sem armas, sem tiros, mas com muitas vítimas (Benchimol, 1999).

Na comunidade santa Luzia do Baixio constata-se forte influência nordestina no processo histórico de ocupação do local. Verificou-se que um dos primeiro moradores chegou ao local por volta da década de 40, período em que o trabalho extrativista na região era fomentado por políticas governamentais que visavam a ocupação demográfica da área. Foi uma época em que os moradores trabalhavam no cultivo da juta e da malva, fonte de maior recurso econômico da época. Nesse sentido, o processo de transformação econômica e cultural começa em meados da década de 70 e oitenta, com o impacto da revolução verde e o declínio da produção de fibras. Em meados da década de 80, a produção de hortaliças cresce de forma exuberante na localidade, tanto o é que começa o processo de formação de associações de agricultores.

O Povoado de Badajós localiza-se no lago de Badajós, município de Codajás, distante da capital Manaus 240 km em linha reta e 166 milhas por via fluvial. É constituído de 20 famílias que realizam atividades extrativistas (coleta da castanha e do açaí), pesca de subsistência e comercial, assim como o cultivo de mandioca e fabricação de farinha. A fundação do Povoado de Badajós data de 1880. Foi obra dos amazonenses que negociavam com os índios Muras, no lago Codajás (atual lago Badajós), tendo para lá ido emigrados do Ceará (Jobim, 1934). Começou por um barracão, que recebeu o nome de Badajós (Vila da Espanha), tendo-se perpetuado esta denominação, que se estendeu também ao rio. Foi importante empório de goma elástica. A vinda de migrantes nordestinos para a Amazônia no final do século XIX propiciou a formação de vários núcleos demográficos da região (Benchimol, 1992), e o Povoado de Badajós remonta a esse período. A presença de seringais e de um intenso comércio é confirmada por moradores antigos. O Povoado de Badajós, foi antigamente, lugar de grande movimentação comercial, para onde convergiam todos os produtos extraídos naquela região e adjacências. A presença do sistema social de seringais com sua disposição hierárquica: seringueiro e seringalista, aparece como o cerne de ordenação das relações locais posteriores às sociedades indígenas que anteriormente habitavam a região, porém mais do que a relação entre empregado e empregador esse sistema localmente representou a base de ocupação das áreas territoriais do lago e principalmente da organização social do Povoado de Badajós, primeiro núcleo social com estruturas necessárias para as relações comerciais do referido contexto social.

A Associação de Desenvolvimento Comunitário Santa Luzia do Baixio existe desde a década de 60, mas, especificamente, foi formalizada em 1982. Porém, durante vinte anos essa associação esteve desativada e, no ano de 2006, os moradores da comunidade decidiram buscar sua regularização para

IV Encontro Nacional da Anppas 4,5 e 6 de junho de 2008 Brasília - DF – Brasil

poder ativá-la. A idéia da reativação da Associação de Desenvolvimento Comunitário se deu a partir da necessidade dos agricultores comercializarem seus produtos. A partir dessa idéia, configuraram-se de forma completa os maiores obstáculos para a formação dessa associação. Porém, antes de falarmos dos obstáculos, vamos, primeiramente, verificar a gênese da idéia de formação da Associação.

Como todos nos sabemos, o ensino educacional no Brasil é de grande precariedade. Esse fato não é diferente no Amazonas. Falando especificamente da Comunidade Santa Luzia do Baixio, essa sofre grandes problemas na questão educacional. Seus problemas vão desde a merenda escolar, passando pela falta de professores especializados, até chegar à falta de material minimamente didático. Porém, em meio aos desafios de promover um ensino no mínimo adaptado à realidade do caboclo amazonense, alguns professores (Colombianos) desenvolveram o Programa SAT (Sistema de Aprendizagem Tutorial), que oferece o ensino aos professores das zonas rurais para que os mesmos desenvolvam técnicas de ensino adaptado à realidade local. A partir desse programa, o aluno estuda os módulos propostos e quando chega o fim do ano não há avaliação final, automaticamente o aluno vai passando de série. Quando o aluno chega à 7ª e 8ª série deverá elaborar um projeto (e colocar em prática) que supra uma (ou algumas) necessidade da sua comunidade. O aluno (ou equipe) faz um levantamento das dificuldades e oportunidades que a comunidade têm e a partir dos pontos levantados, há a elaboração do projeto. Foi a partir desse projeto que se desencadeou a idéia da formação da associação e cooperativa para a Comunidade Santa Luzia do Baixio. Essas informações foram obtidas em uma entrevista com o Sr. Valdir Vieira dos Santos, morador e professor da Escola da comunidade.

Quando chega na 7ª e 8ª série é o tempo da avaliação que tem que fazer alguma atividade prática para comunidade. Tem que fazer um levantamento dos problemas das dificuldades da comunidade e inclusive, essa associação e cooperativa é fruto dos alunos que fizeram a avaliação final do programa SAT. A partir daí eles trabalharam com essa idéia e pra vocês saberem, quem está na direção da Associação são os alunos do programa SAT que fizeram a avaliação final que é o Rondinei, Edinho e outros. (Valdir Vieira dos Santos, Professor e morador da Comunidade Santa Luiza do Baixio).

Percebe-se, então, que o objetivo de formar uma associação não é meramente pelo simples dever de um trabalho escolar cumprindo, mas sim o objetivo de promover o desenvolvimento econômico da comunidade. Valadares (2003), ressalta que o interesse pela comunidade é um princípio do cooperativismo. Sobre isso, ele relata que esse princípio é de extrema importância. Não se trata de assistencialismo, pois o problema que justificou a criação da associação não foi isolado, mas um

IV Encontro Nacional da Anppas 4,5 e 6 de junho de 2008 Brasília - DF – Brasil

problema de interesse coletivo. Esse interesse coletivo busca o apoio da comunidade em geral e só assim o interesse pela comunidade será trabalhado de uma forma coletiva e unitária.

Os alunos perceberam que havia uma grande produção de frutas, verduras e hortaliças e de grande qualidade, porém não havia retorno do capital aplicado. Foi então que os produtores se reuniram em assembléia e decidiram pedir ajuda para regularizar a associação que já existia na comunidade, mas que, por vários motivos, estava inativa e burocraticamente não estava regularizada. A partir desse segundo levantamento, começou-se então a buscar a ativação da Associação de Desenvolvimento Comunitário.

A Associação de Desenvolvimento Comunitário Santa Luzia possui 56 associados. De acordo com o estatuto da Associação, só pode participar da mesma quem é agricultor. Esse número corresponde a 50% dos moradores da comunidade. Observações diretas e conversas informais possibilitaram perceber que esse número ainda é baixo, isto porque, na comunidade, 90% dos moradores trabalham na agricultura. Percebemos também que alguns agricultores ainda estão querendo ver como realmente funcionará essa associação e muitos disseram que só iriam se associar se realmente a associação trouxesse benefício para os membros. Nesse sentido, a criação de uma associação trouxe uma perspectiva de melhores condições financeiras para o futuro, sendo que o grande potencial desenvolvido em hortaliças passou a ser o principal objetivo da organização dos moradores da comunidade Santa Luzia do Baixio.

Importante é observar a organização através da associação de produtores só foi possível depois do declínio da produção de fibras (juta e malva), fato que despertou os moradores para outra (ou talvez) alternativa de extração dos recursos naturais.

No entanto, se observa que a movimentação em busca do desenvolvimento econômico em uma visão moderna desenvolve ações negativas e positivas. Por um lado temos uma comunidade organizada, com escola, associações, capital de giro em torno dos negócios de faturamento. Do outro temos ações negativas que giram em torno do ambiente natural. Essas ações desenvolvem em alto índice de uso dos agrotóxicos nas plantações e áreas cultiváveis; contaminação através dos agrotóxicos que desencadeia graves problemas de saúde dos agricultores; esgotamento da fertilidade do solo; expansão da área agrícola e transformações nos espaços rurais devido ao processo de desenvolvimento econômico local.

As ações acima identificadas são o retrato da comunidade Santa Luzia do Baixio, pois como a produção no ramo da agricultura é de grande comercialização, os agricultores buscam cada vez mais a perfeição dos produtos, despejando quantidades descontroladas de agrotóxicos para o fim das pragas que atingem as roças de cultivo. Esse fato completa uma estatística silenciosa, pois não há

IV Encontro Nacional da Anppas 4,5 e 6 de junho de 2008 Brasília - DF – Brasil

números e nem registros que possam comprovar o fato das dosagens descontroladas afetarem a saúde humana.

A corrida pelo desenvolvimento local também tem levado ao esgotamento do solo, conseqüentemente a baixa produtividade. Esse fato faz com que os agricultores procurem outras áreas para manter a produção e conseqüentemente a venda das hortaliças. Transformações decorrentes do mundo moderno, do capitalismo e da corrida pelo desenvolvimento local.

Tais transformações refletem uma comunidade anteriormente habitada por descendentes de nordestinos, com simples plantações de juta e malva para uma comunidade que caminha para a modernização. Nesse sentido, a construção da idéia de associação, para além de uma solução encontrada pelos moradores de uma pequena comunidade, converte-se em um problema ambiental que poderá apresentar como conseqüências futuras, processos de migração populacional e degradação de áreas ricas em biodiversidade.

O Povoado de Badajós é constituído por vinte e duas casas que abrigam vinte e duas famílias. A representação política concentra-se na figura do presidente e do vice-presidente do Povoado de Badajós, responsáveis por conciliar uma relação entre as demandas locais e a esfera administrativa municipal de Codajás.

A unidade familiar se configura especificamente como base para a realização de todas as atividades, associada também às relações parentais, que aproximam vários núcleos familiares do local e a um modo de parceria que congrega vizinhos e amigos. Trabalhando em suas respectivas áreas de posse, próximas ou distantes do Povoado, as famílias plantam seu roçado ao passo que já visualizam áreas potenciais para plantações futuras, considerando a proximidade no período correspondente a seca, pois é o período no qual informam ser mais difíceis os deslocamentos, e a cheia, período onde os deslocamentos são favorecidos pela presença de igarapés e furos.

As atividades distribuem-se conforme o período correspondente a sua propensão como, por exemplo, o período propenso para a plantação do roçado, para a pesca de determinadas espécies de peixe, coleta de determinados “produtos” da floresta como o açaí, banana e castanha, e período propenso à caça. Essas atividades, se não são efetivadas para fins de consumo familiar, constituem-se em negociações com barcos que adentram o lago para comercializá-las com os moradores do Povoado, barcos denominados regatões. São compradores do pescado, da carne de caça, da banana, da farinha, do açaí e da castanha, que em períodos específicos movimentam a rede de negociações entre compradores de fora e moradores do Povoado.

Outra modalidade de pesca realizada é a prática do *lance*, onde os proprietários de terrenos nas margens do lago arrendam espaço aquático localizado nas adjacências de suas propriedades para

IV Encontro Nacional da Anppas

4,5 e 6 de junho de 2008

Brasília - DF – Brasil

barcos de pesca conhecidos. A prática do *lance* realizada por moradores no interior do lago Badajós e o movimento de entrada e saída de barcos de uma forma direta interligam-se pois, a efetivação do *lance*, é feita mediante a interação, ou a negociação, entre um morador da margem do lago, que alguns denominam *beiradão*, e um barco denominado *peixeiro* ou *geleiro*, disposto a “cuidar” do lance, sendo responsável pela limpeza da área no período da seca, quando as margens do lago possibilitam a retirada de galhos e de vegetação que venha a danificar as redes de pesca.

A visualização desses deslocamentos converge para a verificação constante dos moradores do Povoado em relação às movimentações fluviais de entrada no lago, assim como o cuidado quanto à distribuição da informação acerca das áreas de pesca. Uma negociação que requer um conhecimento e uma apresentação prévia em relação ao tempo determinado de permanência no lago de Badajós, finalidade da pesca, destino do pescado, relação de compadrio ou de parentesco com algum morador da área. Esses aspectos não são solicitados em conjunto, porém sob várias formas estão presentes nas relações estabelecidas entre moradores do Povoado de Badajós e embarcações passageiras.

3. Considerações finais

Dessa forma, percebemos que o processo de transformação da comunidade Santa Luzia do Baixo é recente. Desde a década de 80 o potencial da agricultura vem crescendo de forma singular. No entanto, são transformações negativas para o ambiente, pois ao mesmo tempo em que cresce a produção e a comercialização, há o aumento no uso de agrotóxicos e desmatamento de áreas ricas em biodiversidade. Outra forma de perceber os processos de transformações e vivências na comunidade é através do processo de urbanização, onde a proximidade com o centro comercial de Manaus faz com que a localidade altere os hábitos tradicionais, como festejos religiosos anteriormente compartilhados entre as gerações.

Por outro lado, a formação social do Povoado de Badajós está associada à sua função estratégica para relações comerciais concernentes as negociações que envolviam a borracha, extraída e produzida nos seringais das áreas interioranas do lago. Esses seringais localizavam-se em regiões distantes significativamente do Povoado, regiões denominadas cabeceiras do lago, como a região do rio Cunuarú. Diante disso, o Povoado se apresentava como uma localidade de referência, espaço social a possibilitar o trânsito das relações entre os vários agentes sociais: seringalistas, comerciantes, trabalhadores dos seringais e castanhais, barcos regatões. Lugar de intensas movimentações comerciais, sendo no período relativo aos últimos quinze anos que se percebe, segundo o relato de moradores do Povoado de Badajós, a acentuação das movimentações de

IV Encontro Nacional da Anppas

4,5 e 6 de junho de 2008

Brasília - DF – Brasil

embarcações relacionadas à pesca comercial. Com isso, conflitos latentes, que permanecem em aberto são vivenciados entre moradores do lago e pescadores de fora quanto à apropriação e uso dos espaços de pesca, delineando formas de interação que pautam as decisões políticas locais e se firmam como base costumeira para os acordos quanto à utilização individual e coletiva dos espaços de pesca do lago Badajós.

Agradecimentos

Aos atores principais desta pesquisa, agradecemos as comunidades que propiciaram a investigação empírica desta pesquisa. Como também, ao Programa PIATAM e Universidade Federal do Amazonas, que possibilitaram a pesquisa teórica e a pesquisas de campo com toda logística possível. Agradecemos também o financiamento e transporte da PETROBRÁS e FINEP.

Referências

BARTH, Fredrik. Metodologias comparativas na análise dos dados antropológicos. Conferência pronunciada na Washington University, 1995. In: LASK, Tomke (Org.). O guru, o iniciador, e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Formação Social e Cultural. Valer. Manaus, 1999

_____. Romanceiro da batalha da borracha. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.

FANCHIN, Odília. Fundamentos de Metodologia. 3 ed; São Paulo: Editora Saraiva, 2003.

FRAXE, T. J. P.; WITKOSKI, A.C.; PEREIRA, H. S (Org.). Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: memória, ethos e identidade. Manaus: EDUA, 2007.

JOBIM, Anísio. Panoramas Amazônicos. Manaus: Tipografia Phenix, 1934. (Codajás; II).

OLIVEIRA, Roberto C. *O trabalho do antropólogo*. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze; editora da Unesp, 1998.

IV Encontro Nacional da Anppas
4,5 e 6 de junho de 2008
Brasília - DF – Brasil

REZENDE, T. V. F. A conquista e a ocupação da Amazônia Brasileira no período colonial: a definição das fronteiras. 353 f. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

VALADARES, José Horta. Cooperativismo: Lições para nossa prática. Brasília: SESCOOP, 2003.